



O ESPOZENDENSE

Semanario republicano, independente, defensor dos interesses deste concelho

Este n.º foi visado pela censura

Director, adm. e propriet — José da Silva Vieira. — Editor: José da Silva Vieira Junior. — Comp. e impressão: Typ. Espozendense—Espozende

Pagamento adiantado. Redacção e administração—Rua Veiga Beirão, 7 a 9—Espozende.

Noticias literarias mediante dois exemplares. Não se restituem originaes não publicados.



DECANO DOS JORNAIS DO DISTRITO DE BRAGA



Os grandes colaboradores do Estado Novo

O PRESIDENTE DO MUNICIPIO DE ESPOZENDE

expõe-nos a obra realizada sob a sua gerência de 9 anos
e as maiores necessidades do concelho

O NOBRE EXEMPLO DUMA VIDA CONSAGRADA AO SERVIÇO DUM ALTO IDEAL

«Ao desconhecido ninguem tem amor»—escreveu um dia Ramalho Ortigão, ao verificar que poucas pessoas conheciam as maravilhas do seu pais e que, sem as conhecer, não poderiam amá-lo conscientemente e sinceramente.

Tambem nós ao percorrermos agora, sob a claridade diáfana dum dia primaveril, eleito para grandes jornadas ao ar livre, o formoso e típico concelho de Espozende, de limite a limite, desde a foz do rio Neiva á minúscula praia da Apulia, perdida lá ao longe, quasi lembrando Buarcos, ninho de pescadores e de gaiotas,—iamos pensando com tristura que, de facto, os portugueses desconhecem ou conhecem pela rama as belezas sem par da sua Patria, os seus pontos de turismo, as suas paisagens bravias, ou sedativas como as de Espozende, onde a alma repousa e se tonifica como sob um banho lustral, os seus vestigios da Historia e da Lenda, todo um coral de pérolas naturais que oferecem apenas uma dificuldade: sabe dizer qual é a mais linda, qual é a preferida...

Não tem Espozende valores arquitectónicos a apreze tar aos investigadores e aos turistas. Diz-se-ia que os homens, deslumbrados por tantos encantos reunidos, desistiram de concorrer com os prodigios invencíveis e imorredoiros da Natureza e renunciaram a armar ali tendas de arte: arte havia já tanta, dispersa em pormenor ou em conjunto, numa policromia deliciosa, que seria sacrilégio ou superfluidade aumentar os seus tesouros... Mas a garrida terra de beira Cávado possui tal soma de paisagens em todos os tons que bem dispensa monumentos e reliquias para atrair e dominar o visitante democraticamente. Um escritor illustre chamou-lhe «deliciosa filha do Cávado —neve encastoadada no azul» e não houve exagêro na frase, embora ela pareça simples literatura.

O mar, o rio, a serra, a veiga,



PADRE MANUEL SÁ PEREIRA
Prestigioso Presidente do Municipio de Espozende

o pinhal os largos horizontes calmos, tudo existe e se conjuga intimamente para formar uma paisagem completa, com os elementos necessarios a todos os gostos: a praia, de «suave-mar», como é conhecida a enseada donairoza, como a Barca do Lago, pedaço edénico nunca esquecido, a foz do Cávado, onde o rio, depois de esquivar-se numa hora de resistencia, é absorvido pelo Oceano, o Monte de S. Lourenço, adusto e penhascoso, de cujo çume, coroado por uma capelinha rústica, se abarca uma imensidão sem fim, o vale adormecido, os grandes castanheiros e pinheiros agitando as suas frondosas ramagens, uma luz casta, dum azul de turquesa, irradiação subtil do mar, o casario disperso com uma arrumação donairoza, simplicidade nos costumes, alegria nos corações que se dessedentam,

ufanos, nas belezas marinhas e campestres...

O concelho de Espozende tem progredido muito nos ultimos anos. O Estado Novo, reconhecem-no espontaneamente todos os seus habitantes, beneficiou muito a sua área com grandes dotações. Antes do 28 de Maio, estava por assim dizer esquecido entre a Povia e Viana do Castelo, de que fica quási a meio. Entregue á sua faina piscatória ou ao grangeio das terras, que aliaz não são das mais ricas para produzir, dada a proximidade do mar, não saía da cepa torta. A emigração, para o Brasil, para a Argentina, para a Espanha e para a França, sobretudo, fornecia um grande contingente de braços disponiveis, que faziam falta ao trabalho. Ainda hoje isso sucede, mas em menor escala e justifica-o a terrível situação economica do momento, por causa dos mesmos efeitos em toda a parte. Mas a verdade é que as condições gerais de vida são ali agora muito diferentes. A obra do actual Presidente da Camara, o snr. Padre Manuel Sá Pereira, tão querido e respeitado, introduziu-lhe progressos de monta, especialmente no dominio das comunicações, do ensino, da distribuição da água e da luz electrica. Gerindo o Municipio há cerca de 9 anos com um tacto, um senso administrativo, um sentimento social e um espirito construtivo simplesmente notaveis,—calmo mas vigoroso, prudente mas seguro, sem entusiasmos excessivos mas seguindo um plano rasgado—o snr. Padre Sá Pereira tornou-se um verdadeiro benemérito do concelho. As 15 freguesias em que se compõe estão hoje todas ligadas entre si e á séde por estradas ou caminhos excelentes, as praias de Espozende e Apulia nasceram por assim dizer sob o seu impulso directo, e isso representa muitissimo para o futuro, o problema da luz ficou resolvido definitivamente pela sua situação energica e oportuna, as escolas sur-

giram nos lugares necessarios e com tanta profusão que a rede escolar do concelho é uma das mais completas e importantes do pais, a vila ganhou um ar de asseio, de hygiene, de sentido estético que a distingue lisongeiramente no norte, enfim, deve-se-lhe uma larga e proficua obra de fomento, embora os recursos camarários sejam escassos.

O snr. Padre Sá Pereira é um nacionalista de sempre, cujas convicções estão á prova de fogo. Homem dum só té, coerente com os seus principios, modestos até ao exagero, fazendo uma vida voluntariamente apagada, de hábitos simples, alfabilíssimo, irradiando uma simpatia extraordinária, conquistou em todo o concelho, de que é filho illustre, um prestigio superior. Não tem inimigos, não tem opositores, não tem quem o critique, porque as suas qualidades estão patentes e não cuida senão dos interesses e das necessidades de Espozende.

Há muito que desejavamos trocar impressões com êle acerca dos resultados da sua gerencia e das aspirações legitimadas do concelho, mas encontrava sempre pretextos para se esquivar... Percebiamos que o seu feito de realizador e de servidor da politica nacional era avêso a propagandas ou exhibições, que gostava de trabalhar e construir em socego, sem ser importunado pelos aplausos a que, aliaz, tem pleno direito. Uma destas ultimas tardes, porém, fomos de encontro aos seus escrupulos e... vencêmo-los, mas sob condição expressa de que seriamos consciãos, sóbrios, objectivos. Aceitamos.

—Desde que o snr. Padre Sá Pereira responda ás nossas perguntas, ficamos satisfeitos... A nossa principal missão é divulgar a sua obra e agitar, junto das estancias officiais, as aspirações justas do concelho.

—Sim, respondeu-nos, mas nisso há uma parte pessoal que não devia ser salientada. A Camara tra-

balha á margem de quaisquer considerações pessoais. O que temos feito provem do bom entendimento entre todos os seus membros, visto que as deliberações são sempre tomadas por unanimidade, e da indispensável cooperação do Estado, que nos tem concedido muitas participações.

—De acordo, sr. Presidente, mas o certo é que, sem a sua orientação e sem o seu espirito de iniciativa, não se daria um passo. Quem trouxe o programa e quem o executa? A responsabilidade recai sobre a sua acção...

—Não engeito as minhas responsabilidades: o que quero dizer é que o meu esforço isolado de nada valeria. Trabalhamos aqui, repito, com o unico fim de sermos uteis á nossa terra, alheios á politica, procurando depender o menos possível dos outros, sem vaidades nem competições...

—Como encontraram o concelho?

—Na inércia. Como financeiro a situação era precária, não se podiam fazer coisas de vulto. A administração anterior foi prudente, como, de resto, é a nossa. Sem grandes receitas, não se devem criar grandes encargos. Havia uma divida á Caixa de 200 contos, de que iam pagando os juros e as amortizações.

—E hoje?

—Contraímos outra divida de 200 contos para a luz, em virtude do que nos foi possível electrificar trez quartas partes do concelho.

Quando entramos, havia uma central térmica que, além de dispendiosa, não satisfazia, pois á uma hora da madrugada a luz desaparecia. A nossa primeira preocupação foi remediar esse mal e, felizmente, conseguimos-lo. Mercê da amizade do falecido industrial Narciso Ferreira, fizemos a ligação com uma central hidro-electrica e o problema resolveu-se a contento. E' o Varosa que nos fornece agora a energia.

—E sobre a água?

—O abastecimento de águas á vila está neste momento em vias de conclusão.

—Qual é a receita ordinária da Camara?

—Não chéga a 300 contos. Dentro deste pequeno orçamento, não se podem esperar milagres...

—Mas são necessarios melhoramentos urgentes, que impliquem verbas enormes?

—Tudo é relativo. As maiores necessidades actualmente são estas trez: um matadouro municipal, um mercado e o alargamento da rede electrica ás poucas freguesias que ainda não gosam desse beneficio. Ora estes melhoramentos não estão dentro das possibilidades immediatas da Camara.

—Mas devem muitos ainda dos dois empréstimos de 200 contos?

—Duzentos e tantos contos. Os melhoramentos efectuados têm-nos absorvido todas as migalhas, de modo que liquidamos as dividas lentamente, aceitando os prazos da lei.

—Falou o sr. Padre Sá Pereira em melhoramentos efectuados...

Advinhando o fim, replicou:

—Seria fastidioso enumerá-los.

—Muitos estão á vista...—dissemos, sorrindo.

—Reparamos as estradas municipais, que se encontravam em pes-

simo estado, abrimos outras nalgumas freguesias, criamos escolas e postos de ensino, construímos lavadouros públicos, fontes e encanamentos de águas, aformoseamos a vila...

—E que pensam fazer este anno?

—Se o Estado nos conceder as necessárias participações, como esperamos, abriremos e repararemos várias estradas, sem falar nas três maiores aspirações de que falei e a que, possivelmente, daremos inicio...

—Como se a situação financeira o não permite?

—Pensamos em contrair um novo empréstimo destinado ao matadouro e ao mercado, de que Espozende tanto carece. Quanto ao alargamento da rede eléctrica, far-se-há também este anno.

—E sobre o problema do urbanismo?

—A Camara não descarta o assunto, a que atribue grande importância, pois éle há de contribuir muito para o desenvolvimento das praias de banhos de Espozende e da Apúlia. Já pedimos o levantamento topografico, que esperamos ver em breve realizado, e de pois trataremos do plano do urbanismo.

—Falando em urbanismo, occorrenos perguntar alguma coisa sobre o saneamento...

—Tencionamos começar os trabalhos mal acabem os de abastecimento de águas, pois são, coisas complementares. E' um problema que reputamos urgente.

—E o cofre camarário comporta a sua despeza?

—Havemos de ver...

—As receitas têm aumentado?

—Têm, de facto, devido talvez a uma boa colheita e a certas fontes de turismo que se estão a ampliar, como as praias, mas, em contra partida, também aumentaram as despesas obrigatórias...

—Bem sabemos. São as despesas impostas pelo Novo Código Administrativo. Que nos diz sobre éle?

—E' impossível avaliar os seus resultados definitivos. Não façamos juizos temerários. Como ainda está na sua fase experimental, há tempo para revisões e modificações e essas esperamos que se façam. E' natural que, depois destes ultimos anos decorridos e atendendo á competência das pessoas que formam a Comissão de Revisão, sejam atendidas muitas reclamações já formuladas, de modo que se satisfaçam as justas necessidades dos Municipios. Actualmente, vivemos apertados, constrangidos pela burocracia, quasi em regime de desconfiança... O pensamento fundamental do Código é admirável, mas a sua applicação tem de ser estudada em pormenor, rectificada, medida...

—Um concelho com tamanhas belezas, dotado pela Natureza com paisagens e condições de clima excepcionais, enquadrado entre uma Provincia de grande densidade, podia achar no turismo a própria salvação da sua crise...—objectamos nós, vendo ainda perpassar ante os olhos, num afago, as surpreendentes e embaladoras formosuras que nessa tarde de oiro descobriamos de ponta a ponta.

—O turismo... Tem razão. Podia estar aí a defeza... Todo o nosso concelho possui lugares e re-

cantos lindissimos, desde a montanha ao mar, Precisavam apenas de ser cantados e divulgados. O Minho verdejante assume aqui aspectos duma infinita doçura e duma constante variedade...

E a vila apresenta uma arrumação agradável. Tudo limpo, arranjado, ordenado, graçioso. Agrada á vista, sem esforço. E a gente é hospitaleira, há belos tipos de mulher, sobretudo entre as colonias de pescadores, a praia é lisa e suave, sem traições, sem escolhos até uma grande distancia, a fala é cantante, os sentimentos cristãos...

Interrompe, num enlévo de bairrista:

—Tudo concorre, de facto, para fomentar o turismo na certeza de altos beneficios, mas, sózinha, a Camara que há de fazer? O Governo tem de nos prestar uma vasta, uma profunda colaboração.

—Talvez com o pretexto das Comemorações Centenárias...—aventamos.

Trata-se duma obra de alcance e de vulto, que se não compadece com recursos de momento. Já criamos, para principio; a praia, a qual provocou algum movimento. Na época calmosa e a construção de prédios modernos, numa artéria nova. Contamos com as sugestões convincentes da paisagem, do clima da frescura da terra, da serenidade do mar, para atrair amigos...

—A Camara participa oficialmente nas Festas Centenárias?

—Se acaso se realizar a Feira de Amostras, concorreremos. Os nossos recursos impedem-nos outras manifestações, embora reconhecamos e exaltemos, como merece, o alto significado nacional dessas Comemorações.

—A Camara emprega muitos operarios?

—A crise de desemprego no nosso concelho é muito grande de modo que, até para a debelar um pouco, sentimos a obrigação de encetar melhoramentos. Actualmente, trabalham cerca de 150 operarios em obras camarárias. São as participações que o permitem.

—Preferem a administração directa nas participações?

—Sempre. E' o unico processo de baratearmos, de reduzirmos os nossos encargos. A Direcção dos Melhoramentos Rurais tem-nos em boa conta. Os engenheiros aprovaram até hoje sem uma única alteração ou reparo as nossas obras, de modo que continuaremos...

—Quem fiscalisa?

—Em regra, fiscaliso eu. E' uma tarefa que cumpro com o mais vivo interesse, como compreende. Monito na minha bicicleta e vou, de freguesia em freguesia, dando indicações, vigiando estimulando. Assim, em contacto permanente e directo com os trabalhos, não há desvios nem surpresas.

Já o sabemos. O sr. Padre Sá Pereira vota os melhores cuidados da sua vida á missão espinhosa de Presidente da Camara. Não exerce o cargo nas horas vagas, como tantos. Faz dele um sacerdócio, um meio de bem servir, um alegre e expedito sacrificio em prol do comum. Indiferente ás mesquinhas vaidades humanas, que se desfazem em pó mais depressa que os próprios homens, ele aí vai sobre a bicicleta por atalhos ou camiuhos invidiosos fiscalisar o património do con-

celho, exposto ás inclemencias do tempo, sem auferir mais que a plena satisfação da sua consciencia, na força integral do caracter bastaria este traço para definir a sua personalidade robusta e construtiva. E homem que vai, não manda; que procede, não inquire, regalado num comodismo solerte.

—Outra pergunta, sr. Presidente, e prometemos que será a última...

—Diga.

—Qual é a situação da agricultura no concelho?

—Mas isso está fóra da entrevista...

—Está aparentemente, porque, no fundo, a agricultura, desempenhando um papel capital na economia do concelho, ha-de influir por força nos destinos do Municipio...

—Decerto. A agricultura vive horas dificeis. Quanto a mim, os inventarios e o imposto sucessório deram-lhe um rude golpe, restringiram-lhe os direitos e as possibilidades. E' necessario proteger, fortificar sem demora e agricultura, fonte de riqueza, de amor, de patriotismo, continuadora das nossas energias e das nossas tradições!—rematou, desdenudado a sua alma de português e de sacerdote, que desde sempre vibrou na defesa dos principios e das realidades interpretadas agora pelo Estado Novo: a Ordem, a Justiça, a Familia, a Pátria, a Igreja.

No aniversario de «O ESPOZENDENSE»

Emilio de Figueiredo:

Obedecendo á velha praxe que venho cumprindo, religiosamente, todos os anos (conheço este brilhante semanario ha um quarto de seculo: foi o saudoso Sr. Valentim Ribeiro da Fonseca quem, em 1914, me deu esse grande prazer...), saúdo o seu projecto director Senhor Silva Vieira, com a maxima abundancia de coração, por mais um ano de vida do seu dilecto jornal. Na impossibilidade de, calhamente, realizar meia duzia de lufas, empresto, com a devida vénia a «O Estado de S. Paulo», a bellissima cronica abaixo, da auctoria do grande académico Guillerme d'Almeida, o maviioso poeta e autor do *Meu Portugal*, dedicada a Maria Santissima.

Essa transcrição—verdadeiro mimo literário—, nesta hora de dor para a Humanidade pensante, em que a Virgem da Franqueira, desce da sua historica montanha, implorando ao Altissimo a paz entre os homens, torna-se de toda a actualidade.

Elia:

«TURRIS EBURNEA»

Maio, 20.

Domingo ultimo—a noite tinha todas as finuras pallidas de Maio...—, pelo microphone da Radio Bandeirante, nas comemorações do Mez de Maria, teve o redactor destas chronicas oportunidade de falar sobre uma das mais lindas

invocações da Ladainha de Nossa Senhora: «Turrus Eburnea».

Foram estas as suas palavras:

•Torre de Marfim!

Não aquella em que se fecham e elevam os orgulhosos—isoladora altiva de genios misanthropicos; Babel leviana com que tentam ingenuos sonhadores a escalada do Ceu! reducto requintado e egoistico de super-homens...

Não.

Tu não afastas, não separas, não isolas, não distancias... A' lua sombria luminosa, Torre de Marfim, juntas e iguais, abrigas e confortas a todos os nomens!

Torre de Marfim, Senhora do Ceu! Na Cidade do Senhor és as alvas mãos-postas do Ceu; como nas cidades dos homens são as torres as piedosas mãos-postas da terra...

Na Cidade do Senhor, Torre de Marfim, como o campanario nas cidades dos homens, és o primeiro e o ultimo gesto do horizonte... Quando, da sua cidade natal, o homem parte para longe, e tem que deixar de si alguma coisa é a torre da sua igreja que elle, voltando-se, de uma extrema curva da estrada atira, o adeus, num seu derradeiro olhar um seu pensamento derradeiro... E quando torna—combaldido ou glorificado da jornada—é ainda a sua torre, da sua igreja, o que elle primeiro avista e a que atira num seu primeiro olhar, um seu pensamento primeiro... Torre de Marfim! Para os espatriados e para os repatriados do Ceu, és, ultima e primeira, o primeiro e ultimo pensamento no olhar ultimo e primeiro...

Torre de Marfim! Nesta noite luminosa e leve do pleno Mez do «Gratia plena», ouço cantar seu canto claro de crystal teu sino: teu Coração, Maria!

E ergo os olhos e vejo. Torre de Marfim! Vejo-te, ascensional, a alta, alva, alada, aerea, alçada neste meu ceu, sobre esta minha terra; entre esta minha gente, «Turrus Eburnea», com uma Cruz de Cinco Estrelas—ó Torre! no teu tópo de Marfim!».

Apenas copiado por GUY.

Ao *ESPOZENDENSE*, com os meus votos de muita felicidade e o triunfo da causa da Justiça e da Verdade, um abraço sincero de

E. F.

S. Paulo—Outubro 1939.

Quere assinar

O Pirilau

revista infantil illustrada?

Dirija-se a esta redacção.

Mais um Ano e grande ponto de interrogação

Esforçar um cérebro atribulado a escrever as excelencias de um aniversário, parece-me forte numa situação como a que atravessamos, em que só assistimos, na leitura pelos grandes diários a sucessivas convulsões porque está passando a Europa.

Efeitos do Progresso!

Progresso forjado pelos prodigios da Ciência, que na mecânica pretende restringir o género humano, quando este vinha curando da sua emancipação de esmagadoras tutelas, em que aquella saiu mais poderosa e vencedora.

E estas duas entidades—Mecânica e Humanidade—chocaram-se; e, procurando um entendimento, concertam-se, amargamente, na restrição, cujo resultado leva á desorientação os povos e á guerra as Nações.

De facto, a matemática—que calculou ao máximo o alcance, e ao minimo as possibilidades—nem de outra forma se poderia concebê-la,—e a situação europeia presente, eil-a como eu a tinha meditado ha três ou quatro anos atrás—convulsiva.

As fabricas com as suas laborações constantes e a excessiva produção fabril que aniquila o trabalho manual, procuram os mercados que exustos de finanças levou as espectivas as mais dolorosas decepções.

As sociedades impressionaram-se na moral, que abalou-se, fazendo com que a imprensa nos patenteie, ante a rápida consulta da folha, uma visão tragico-dramatica.

A Imprensa, antigamente, era a orientadora dos povos; ser jornalista, era como sêr-se professor:—pois foi sempre do professorado que se illustrou a carreira das letras nas colunas dos periódicos de todas as modalidades politicas e religiosas, que atingiu um zenith apocalitico.

Mas apartando-se a formação individual, a civilização avassalou o trabalho nos seus alicerces, de ai a luta pela vida mais árida e concomitantemente o assoramento da engrenagem em que assenta a rotação social.

O sistema económico—financeiro levanta-se; trava a lucta, inquieta-se, impacienta-se—deflagra por fim.

Não deixamos de frisar o papel que desempenhamos ainda, mas os caracteres, em jogo com a

ganância, o lucro ou o egoismo, levou a uma tão radical transformação espiritual os homens, que mal se concertam, por vezes, boas intenções, ou generosas iniciativas.

A avalanche economica segue sempre os seus trâmites, em que se jogam cartadas, e... não se sabe com o que se conta se não imperar o reinado da Justiça, da Equidade e da Solidariedade mútua.

Ainda são estas três virtudes que presidem á orientação do mais austero jornalismo, que terça armas pela sua existência na expansão da Palavra, moldada, muitas vezes, em estados morais comatosos e oriundos da fragilidade material, que, se por um lado é construtiva, é outras vezes derrotista.

E' preciso o concerto dentro de todas as ordens, sem atropêlos, mas isso não deixa de ser um trabalho algo exaustivo.

Vogar o *Espozendense* assim, passante de meio século, é retrocedermos a nossa imaginação em vagas recordações do passado; mas sabe Deus, para estar ao leme deste barco, quantas inergias se não há dispêndido, não para já soarem hossanas, mas para ouvirmos, passado o cabo da boa-esperança, as vozes das novas directrizes intellectuais de hoje.

E' estiolante! Mas vamos indo...

Do nada, a que tudo se reduziu, nasceram novos mares a sondar, profundos abismos a auscultar, outras clareiras ardendo em esperanças que são esfinges em desertos que há a percorrer, a estudar a tempo e ganhar.

Deixamos á geração de amanhã pezadissima herança com as descobertas de hoje.

Para onde caminha o mundo?!

—Sabe-se lá!?

Comtudo, êle marcha sempre:—e com tal velocidade, que se viram ruir já algumas nações com os mais infernais inventos de guerra e muito sangue-derramado.

Passemos adiante.—O homem, contando com o proprio esforço, não deve esquecer nunca que, embora as sociedades se transformem, os vínculos da Fé não devem ser espesinhados.

E nela, na Fé, há as virtudes dignificadoras da moral, que tendo tido também a sua cruciante história, seja talvez a unica que ainda pode salvaguardar as consciencias colectivas.

Mas em que adiantado estado nos achamos, quando parte

do globo vive sem ela e muitas vezes sem ela, não se entende.

Veremos. Os destinos estão se jogando;—não sem que a tristeza se tivesse apoderado de todas as formações que neste momento lamentam lástimas humanas que infelizmente por aí pululam, numa imbecilidade espantosa e confrangedora.

Aos homens de boa-vontade, aos trabalhadores, aos sinceros, aos honestos.—**O Espozendense** saúda, convicto de que, singrando ainda, se sente satisfeito de ser o seu porta-voz dentro dos modelos morais e do são critério, para honra da Imprensa, da Pátria e da Humanidade.

Porto.

L. T.

BIBLIOGRAFIA

OS MEIOS CATÓLICOS ACOIHEM COM SIMPATIA A PUBLICAÇÃO DE «JESUS E O SEU MARAVILHOZO ROMANCE»

Dado o interesse que está despertando entre nós a proxima publicação da obra monumental «Jesus e o seu maravilhoso romance», de Mário Domingues, vem a propósito registar nestas colunas como o jornal católico «Novidades» commentou a leitura de alguns capitulos que o seu autor fez perante um escolhido grupo de intellectuais.

«A leitura—escreve aquele nosso colega—constitue para todos os presentes um delicado prazer. O escritor tece, á volta da personalidade adoravel de Jesus, um ambiente em que procurou reconstituir o quadro historico da vida do Salvador.

«Na parte que ouvimos, os textos evangélicos são fielmente respeitadas. A uma observação sobre o titulo do livro, disse-nos o autor que em todo êle respeitará a verdade historica. A palavra romance não indica senão a feição maravilhosa que coroa toda a vida de Jesus e todo o seu prestigio e poder sobre as classes. Em rigor só haverá de ficção no livro algumas scenas que servirão como de moldura á verdade intangivel da História.

Tambem o nosso colega a «Voz», de Lisboa, expende opinião semelhante, demonstrando assim a simpatia com que foi acolhido no mundo catolico o trabalho probo de Mário Domingues.

E nós, perante o magnifico fasciculo - especime que temos presente não hesitamos em afirmar, como já o disseram os grandes jornais de Lisboa e Porto, que «Jesus e o seu maravilhoso romance» reúne toda a atracção de um romance empolgante todo o deslumbramento de uma grandiosa reconstituição histórica todo o enlêvo do mais puro misticismo e toda a sedução moral do pensamento cristão.

Como já dissemos os nossos leitores podem inscrever-se assinantes desta magnifica obra, dirigindo-se quanto antes á Editorial Globo, Ld., Rua dos Fanqueiros, 106, 3.º Dir., Lisboa, ou á administração do nosso jornal. A empresa editora não cobra assinatura adiantada; limita-se a enviar e a cobrar pelo correio, no começo de cada mês, o tómo respectivo, que custa apenas Esc. 10800; incluindo todas as despesas.



«Em Defesa da França»

por Eduardo Daladier.

Este livro de Daladier, Presidente do Governo Francês, é uma recolha dos seus discursos politicos do periodo que precedeu imediatamente á guerra. Sentiu-se nele a previsão dramática desse acontecimento e a força contida duma Nação que, através do homem que escolheu, afirma o seu direito á vida, esquecida já, em face de um problema mais grave, das dissensões partidárias e dos seus conflitos internos.

Magnifico livro, na verdade, este que a Editorial «Inquérito» acaba de publicar, e que deve ser lido por todos os que verdadeiramente se interessam pelos problemas sociais da hora que passa.

Eduardo Daladier, que além de homem politico de mérito possuía uma elevada cultura humanista, conseguiu dar aos seus discursos uma forma literária tão brilhante, que a sua leitura satisfaz a qualquer admirador de boas letras.

Mas o principal interesse deste livro consiste no exemplo que dá, da união de um povo que, sendo por natureza, discutidor e partidário, esquece, em presença do perigo que ameaça a sua pátria, todas as guerrilhas que se devidiam.

A tradução, correctissima, é do Dr. Adolfo Casais Monteiro, e o aspecto gráfico é excelente.

HORA IMPERIAL

O nosso país atravessa, neste momento, uma hora culminante dos seus destinos, uma hora augusta, zenital, imperial, na verdade.

Tudo se transformou e da «apagada e vil tristeza» passou-se a uma luz radiante de progresso; tudo o demonstra, até a possibilidade de vida dos grandes empreendimentos, sobretudo quando eles apresentam o caráter de grandiosidade, de elevação e patriotismo que são características, por exemplo, dessa obra verdadeiramente nacional que é a «Enciclopedia Portuguesa e Brasileira» caminhando de triunfo em triunfo e de que foi agora publicado o fasciculo 59.º, penultimo do 5.º volume, e relativo a Fevereiro deste 1940 que vai correndo.

O sumario deste fasciculo é magnifico, destacando-se os artigos *Captura, Capuchinhos, Caquezia, Carã, Carácter, Caracterologia, Curupau, Caravela, Carbonária Carbonico, Carbono, Carbunculo, Carburador, Carcinoma, Cardan Cardial, Cardiografia Cardo Carencia, Carga, Caricatura e Caridade* entregues a especialistas como os profs. Ferreira de Mira, Luiz da Cunha Gonçalves, Mendes Correia, Charles Lepierre, Luiz de Pina, Barahona Fernandes, Luiz Schwalbach, Marck Athias, Aarão de Lacerda, Doutores António Sergio, Luiz de Oliveira Guimarães, Dias Amado, João de Vasconcelos, Afonso Zúquete, Manuel Zaluar Nunes, Claudio Basto, Peres de Carvalho, Engenheiro João E. Segurado, Comandante Marques Esparteiro, Cruz Cerqueira, Antonio da Costa Leão, Jorge Guimarães Daupiás, Fernando Lopes Graça, Eduardo Moreira, Eng. Miguel Paiva, Augusto Casimiro, Joaquim Novais Teixeira, Tomás da Fonseca, etc., etc. São nada menos de três as estampas de arte em separado, todas muito belas e de grande merito artistico.

Uma obra deste quilate, prestes a atingir 5.000 páginas, deste luxo e desta elevação cultural, seria já coisa maravilhosa em Portugal, fôsse a que preço fôsse a sua venda feita, mas mais surpreendente, é ainda que todos, mesmo os menos abastados, possam entrar na sua posse pelo sistema de pagamentos suaves que os seus proprietários, «Editorial Enciclopedia, Ld.a», da Rua do Alecrim, 38, em Lisboa, lançaram com tamanho êxito e

de cujas modalidades singelissimas informam quantos se lhe dirigem num simples postal.

«Grande Enciclopedia Portuguesa e Brasileira»

Rua do Alecrim, 38 - LISBOA

Para beneficiar das especiais concessões para a parte desta monumental obra completa por *pagamentos suaves* basta preencher e enviar á morada acima o seguinte boletim:

Queiram enviar-me, sem compromisso da minha parte, na condição de compra, a prestações da «Grande Enciclopedia Portuguesa Brasileira»,

Nome

Morada

Localidade

(Colar este boletim num bilhete postal ou enviar em envelope franqueado com \$15.)

F A O

Fevereiro, 20

FESTA DO SENHOR DE FÃO.

Chegou-nos ás mãos o primeiro programma anunciador das festas do Senhor de Fão, e, por ele vemos que as comissões estão resolvidas a levar a efeito uma grande festa no ano dos Centenários da nossa Nacionalidade. O programa, posto a circular com uma antecedencia de, quasi de dois meses, mostra bem que as comissões não perdem um só momento, em confronto com o passado, em que apareciam, apenas na nossa terra, meia dúzia de programas, «oito dias das festas».

Vários numeros novos vamos ter este ano nas festas da nossa terra, nas festas do Senhor de Fão, nessa festa que foi sempre a dedicação máxima dos verdadeiros fangeiros, dos maiores filhos de Fão.

Um dos numeros que certamente irá agradar será a disposição do arraial e a esplendida iluminação. Nesse numero haverá bom gosto e mostrar-nos-á o esforço daqueles que constituem a comissão e que, não se poupando a sacrificios, trabalham noite e dia na ornamentação do arraial. Teremos, pois uma ornamentação «nossa, uma ornamentação pensada e executada por filhos de Fão».

Os gigantes, certamente, após tantos anos de ausencia, também aparecerão este ano no publico e esse numero vai, sem sombra de duvida agradar aos inumeros forasteiros.

Está, pois, a ser cuidadosamente estudado o programa definitivo das nossas festas, na certeza de que ele irá satisfazer to-

dos os filhos de Fão e bem assim todos aqueles que se orgulham com o engrandecimento da nossa terra e dela fizeram terra adoptiva. Sendo possivel, no proximo numero, iremos dar aos nossos prezados leitores o resumo geral das festas do «Senhor de Fão» no ano de 1940

Depois em crónicas seguintes, iremos começar uma campanha em prol das festas e limar algumas dificuldades que, em momentos improprios surgem, e que merecem a repulsa dos filhos de Fão, «a bem das festas do Senhor de Fão».

CYSNE.

NOVO TALHO

No antigo talho de carnes verdes do falecido Manuel José de Carvalho, abre hoje um novo talho de carnes verdes e porco, o sr. Artur Nunes Ferreira, antigo empregado da firma Adolfo & Carvalho. Felicidades lhe desejamos.

Hora de verão

É, hoje, ás 23 horas que devem ser adelantados os relógios 60 minutos, assim o determinou o Ministerio das Obras Publicas e Comunicações, por portaria a publicar.

O nosso editorial de hoje pertence ao «Correio do Minho», de Braga, de 8 do corrente.

Necrologia

Faleceu, há dias, na vizinha Fão, a menina Carmen Maria Mendanha Pires, de 15 anos de idade, querida filhinha do nosso bom amigo sr. Celestino Gomes Pires, proprietario da Farmacia Fãozense, d'aquella localidade.

O nosso cartão de sentidos pesames.

Semana Santa

A costume dos mais anos, realisa-se nesta vila as solenidades da Semana Santa, estando encarregado dos sermões o rev.º Abade de Fragosa-Maia, que nos dizem ser de grande nomeada.

Feira de gado no lugar de Gólos

Promovida pela Sociedade «A Bovina de Marinhãs», realisa-se no dia 14 do proximo mez de Abril uma importante feira-festa de concentração de todas as qualidades de gado, havendo vários prémios a distribuir pelas diversas raças de animais.

Subsidio

Foi concedido á Junta de Freguesia de Vila-Chã um subsidio de 35.363\$00, para melhoramentos.